

# A PESQUISA BRASILEIRA SOBRE O LESTE ASIÁTICO: UM PANORAMA INTRODUTÓRIO DA ÁREA DA COMUNICAÇÃO

BRAZILIAN RESEARCH ON EAST ASIA: AN INTRODUCTORY OVERVIEW WITHIN THE FIELD OF COMMUNICATION

LA INVESTIGACIÓN BRASILEÑA SOBRE EL ESTE ASIÁTICO: UN PANORAMA INTRODUTORIO DEL CAMPO DE LA COMUNICACIÓN

## Mayara Araujo

■ É pesquisadora de pós-doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense com bolsa de fixação de jovens doutores no estado do RJ CNPQ/Faperj. Doutora em Comunicação pelo mesmo programa. Vice-coordenadora adjunta do grupo de pesquisa em mídia e cultura asiática contemporânea (MidiÁsia-UFF).

■ *es investigadora de posdoctorado vinculada al Programa de Posgrado de la Universidade Federal Fluminense con una beca de fijación de jóvenes doctores en el estado de RJ CNPQ/Faperj. Doctora en Comunicación por el mismo programa. Vicecoordinadora adjunta del grupo de investigación en medios y cultura asiática contemporánea (MidiÁsia-UFF).*

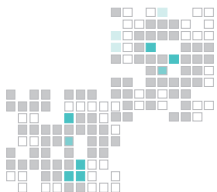
■ E-mail: [msoareslpa@yahoo.com.br](mailto:msoareslpa@yahoo.com.br)

## Aline Mendes

■ Aline Mendes é doutoranda e mestre em Comunicação pela UFF e mestranda em Relações Internacionais pela UERJ. É bolsista Capes-Proex. Integra os grupos de pesquisa AnimaMídia, Televisões e Midiásia.

■ *Es doctoranda y máster en Comunicación por la UFF y estudiante de maestría en Relaciones Internacionales por la UERJ. Es becaria Capes-Proex. Integra los grupos de investigación AnimaMídia, Televisiones y Midiásia.*

■ E-mail: [aline\\_ms@id.uff.br](mailto:aline_ms@id.uff.br)



## RESUMEN

Nos últimos años, el panorama mediático y cultural global ha presenciado transformaciones significativas. El surgimiento de industrias de medios y entretenimiento no occidentales ha desafiado la hegemonía estadounidense, sugiriendo la posibilidad de un cambio en el equilibrio de poder cultural global. Este artículo tiene como objetivo evaluar si la investigación en comunicación ha seguido estos cambios, centrándose en la producción brasileña sobre Asia Oriental en la última década (2013-2022).

PALABRAS CLAVE: INVESTIGACIÓN; COMUNICACIÓN; BRASIL; ASIA ORIENTAL.

## ABSTRACT

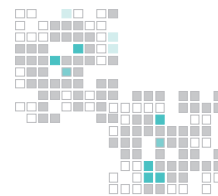
In recent years, the global media and cultural landscape has witnessed significant transformations. The emergence of non-Western media and entertainment industries has challenged the US hegemony, hinting at a potential shift in global cultural power dynamics. This article aims to assess whether communication research has kept pace with these changes, focusing on Brazilian contributions concerning East Asia from the past decade (2013-2022).

KEY WORDS: RESEARCH; COMMUNICATION; BRAZIL; EAST ASIA.

## RESUMO

En los últimos años, el panorama mediático y cultural global ha presenciado transformaciones significativas. El surgimiento de industrias de medios y entretenimiento no occidentales ha desafiado la hegemonía estadounidense, sugiriendo la posibilidad de un cambio en el equilibrio de poder cultural global. Este artículo tiene como objetivo evaluar si la investigación en comunicación ha seguido estos cambios, centrándose en la producción brasileña sobre Asia Oriental en la última década (2013-2022).

PALAVRAS-CHAVE: INVESTIGACIÓN; COMUNICACIÓN; BRASIL; ASIA ORIENTAL.



## 1. Introdução

**A**nimê, mangá, K-dramas, doramas, Onda Coreana, TikTok... embora estejamos no Brasil, essas palavras se tornaram bastante recorrentes em matérias de jornais e discussões de plataformas atualmente. A popularização da cultura midiática e pop dos países do Leste Asiático no Brasil é um processo que vem se desenrolando desde o fim do século XX, com o apoio das novas tecnologias da comunicação e do advento da globalização. Como resultado, testemunhamos uma maior multipolarização na arena cultural global.

A influência cultural e midiática dos Estados Unidos - e do Ocidente - já não é mais sentida como foi durante os anos da Guerra Fria. Esse movimento nos convida a ampliar os nossos olhares e questionar se esse movimento rumo a um ambiente mais multipolar também é sentido em outras situações. Em nosso caso, gostaríamos de situar essa discussão diante do contexto acadêmico e, mais especificamente, dentro da área da Comunicação. Sendo assim, este trabalho se propõe a realizar um mapeamento introdutório das pesquisas brasileiras, em nível de mestrado e doutorado, a respeito dos países do leste asiático (Japão, Coreia do Sul, Coreia do Norte e China), no contexto da Comunicação.

A escolha pela Comunicação se justifica pelo fato de ser um campo do conhecimento cujo “surgimento” tem sido associado à segunda guerra mundial e ao financiamento proporcionado pelo governo e agências militares dos Estados Unidos (SIMPSON, 1996). Diante de um cenário de expressiva “americanização curricular”, acreditamos que os processos que visam a desocidentalização da área podem ter como ponto de partida a opção por objetos de investigação para além dos ocidentais.

Longe de querer tratar a Ásia como um simples objeto - mas nunca autor de si mesmo (Said, 2007), o nosso objetivo primário consiste em

apresentar os debates que já vêm sendo realizados em nosso país até agora e apontar lacunas dentro desse campo de conhecimento. Entendemos que esse movimento se trata de um pontapé inicial para a construção de curiosidade e maior diálogo com os países pertencentes ao mundo majoritário. Afinal, a pouca visibilidade de outras vozes na área da Comunicação não se limita às problemáticas das referências bibliográficas que costumam ser masculinas, brancas e ocidentais (Salgado; Mattos, 2022), mas também aos objetos de pesquisa que normalmente elencamos como prioridade.

A produção científica brasileira é marcada pelo capitalismo acadêmico que tende a favorecer pesquisadores, referências bibliográficas e instituições que são sediadas em países ocidentais (Aouragh; Chakravartty, 2016). Além de influenciar as nossas abordagens, destacamos ainda a dificuldade que diversos novos pesquisadores se deparam para encontrar orientadores com expertise e/ou interesse em privilegiar objetos oriundos de um mundo não-ocidental - em nosso caso, do Leste Asiático.

Boas razões históricas explicam o viés ocidentocêntrico na pesquisa em Comunicação no Brasil. Os países do Ocidente, através do processo de colonização, assumiram o protagonismo narrativo e transportaram suas verdades e valores para as regiões que foram colonizadas. Através de discursos legitimadores de si mesmos (Wallerstein, 2013), somos constantemente convencidos a acreditar que não existem alternativas ao *modus operandi* do capitalismo neoliberal promovido pelo Ocidente. A ciência é instrumentalizada como um aparato de poder e as nações que são consideradas produtoras de conhecimento obtêm vantagens e privilégios a partir disso; como, por exemplo, a possibilidade de ditar a agenda científica global e a institucionalização do inglês como língua padrão do conhecimento científico (Dutta, 2020; Suzina, 2020).



Essas questões não são limitadas às discussões científicas do século XX. Há algumas décadas uma série de pesquisadores já vinham apontando para a necessidade de uma pesquisa científica que seja mais abrangente. Esses movimentos levaram diversos nomes e ocorreram em regiões diferentes: discursos alternativos (Alatas, 2000), decolonização do pensamento (Mignolo, 2017) e desocidentalização (Curran; Park, 2000; Waisbord; Mellado, 2014). O que tais movimentos têm em comum é a percepção da necessidade de se construir um ambiente acadêmico atento às necessidades e experiências do mundo majoritário (Cheruiyot; Ferrer-Conill, 2020). Assim, em uma perspectiva “macro”, esperamos contribuir com a possibilidade de maior diálogo entre os países pertencentes ao mundo majoritário.

Para conduzir nossa pesquisa, exploramos as interações entre o Brasil e os países do leste asiático, examinando os fluxos migratórios e o consumo brasileiro de suas produções midiáticas e culturais como ponto de partida para entender o interesse acadêmico. Em seguida, explicamos os nossos procedimentos metodológicos, preparando o terreno para apresentar os resultados do mapeamento. Como encerramento do artigo, discutimos nossos dados e sugerimos encaminhamentos futuros.

## **2. Diálogo entre o Brasil e o Leste Asiático: da interface midiática/cultural à acadêmica**

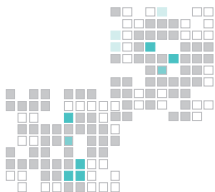
Apesar da distância geográfica entre o Brasil e os países do Leste Asiático, há pontos de interlocução que evidenciam aproximações. Esse diálogo teve início no século XVI, quando a administração imperial portuguesa estabeleceu relações entre suas colônias Brasil e Macau (Cunha, 2017). Em 1812, sob domínio português, um grupo de chineses migrou de Macau para o Rio de Janeiro (Lou, 2017). A abolição do tráfico de africanos

escravizados em 1850 e a promulgação da “Lei do Ventre Livre” em 1870, que concedeu liberdade aos filhos de pessoas escravizadas, foram marcos que moldaram uma política imigratória baseada em características desejáveis para a entrada de trabalhadores estrangeiros no Brasil (Seyferth, 2015). Nesse contexto, a concepção de raça foi acionada nos discursos para justificar a escolha de quem deveria ser incorporado ou excluído do desenvolvimento brasileiro, destacando-se a mão-de-obra chinesa como “dócil” e “eficiente” (Czepula, 2017).

O fim da escravidão em 1888 transformou as políticas imigratórias brasileiras para a população amarela. Nisso, a imigração chinesa foi perdendo espaço para a japonesa em termos de interesse político. Nessa concepção brasileira, os japoneses eram preferíveis aos chineses por conta dos projetos imperialistas japoneses, que se alinhavam mais aos interesses ocidentais (Dezem, 2005). O Japão buscava ser reconhecido como um país “não asiático” para diferenciar-se da China em termos raciais na busca por igualdade aos olhos do Ocidente (Dezem, 2005). Assim, em 1895, o Tratado de Amizade Brasil-Japão foi selado, viabilizando a vinda dos japoneses para trabalhar nas lavouras de café, assegurando a mão de obra para o Brasil, enquanto “solucionava” os problemas do Japão, na medida em que o país sofria com problemas de ordem social e populacional (Sakurai, 2000). Assim, em 1908, os primeiros japoneses desembarcaram no porto de Santos.

Nas décadas seguintes, o Brasil veio a se tornar um destino de investimentos progressivos sob a perspectiva do Japão, uma vez que a diáspora para os Estados Unidos se encontrava debilitada por conta do Ato de Exclusão de Asiáticos de 1924. Estima-se que cerca de 188 mil japoneses imigraram entre 1908 e 1941<sup>1</sup>. Hoje, o Brasil se configura como a maior colônia de japoneses e

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.cenb.org.br/articles/display\\_pt/207](https://www.cenb.org.br/articles/display_pt/207)



descendentes de japoneses no mundo<sup>2</sup>. Também ocorreram outros fluxos migratórios partindo da China para o Brasil no decorrer do século XX. Esses novos fluxos ocorreram após a abertura de mercado de Deng Xiao Ping em 1978, configurando-se por seu caráter mais autônomo e estável (Lou, 2017). Não somente, o retorno das províncias de Hong Kong e Macau para a China também acarretaram diáspora, tendo em vista que isso causava um cenário de incertezas sobre o futuro (Lou, 2017).

Já em relação ao fluxo migratório da Coreia para o Brasil apresenta a particularidade de ser bastante recente, se comparado com as experiências chinesas e japonesas. Oficialmente, esse movimento teve início em fevereiro de 1963, mas antes desse momento pequenos grupos de coreanos presos na Guerra da Coreia (1950-) vieram, em muitos casos, de forma ilegal para permanecer no país e, posteriormente, se mudar para os Estados Unidos, onde pretendiam se estabelecer (Urbano, 2018). Alguns acabaram por permanecer em território brasileiro e criando as suas atividades econômicas no campo da indústria e comércio de roupas, principalmente na cidade de São Paulo. De forma geral, pode-se entender que a presença da população coreana foi bastante invisibilizada devido a sua dimensão mais modesta e pela tendência brasileira de homogeneizar as experiências leste-asiáticas a partir do caso japonês. É somente a partir da influência da Onda Coreana (Jin; Yoon, 2017), fenômeno da cultura pop sul-coreana que alcançou grande popularidade através dos dramas de televisão (K-dramas) e da música pop (K-pop), que o discurso midiático brasileiro passou a se atentar para a existência dessa

população. A visibilidade e sucesso desfrutado pela Onda Coreana no Brasil emergiu na segunda metade dos anos 2000, impulsionados pela rápida disseminação do K-pop e dos K-dramas em plataformas digitais, respaldados pelas empresas de entretenimento sul-coreanas (Urbano, 2018). Capitaneados por esses movimentos, em 2013, o Centro Cultural Coreano foi aberto em São Paulo e, em 2016, o Centro Cultural Hallyu. Essas iniciativas refletem o objetivo de promover a cultura sul-coreana no Brasil.

Na contramão da experiência coreana, a sentida presença de populações oriundas do Japão e da China no Brasil nos ajudam a compreender a popularização de seus artefatos culturais e midiáticos. Diferentemente de muitos países ao redor do mundo, o Brasil teve um contato precoce com as expressões culturais japonesas, impulsionado pelos fluxos migratórios. A cultura pop japonesa começou a se destacar no cenário brasileiro através da mídia televisiva já na década de 1960, com *tokusatus* como National Kid e animês como Speed Racer (Urbano; Araujo, 2021). Contudo, o reconhecimento generalizado da cultura pop japonesa no Ocidente e na América Latina só ganhou força nas décadas de 1990 e 2000. De forma mais discreta, os dramas de televisão japoneses, conhecidos como *doramas*, também circulavam no Brasil, inicialmente restritos ao consumo das comunidades japonesas. Com o advento da internet, essas produções conquistaram uma audiência mais ampla na primeira metade do século XXI (Araujo, 2018). A popularidade da cultura pop japonesa em território brasileiro se deve, portanto, ao audiovisual que foi impulsionado através da comunidade *nikkei* e pela mídia televisiva.

As produções culturais e midiáticas chinesas, por sua vez, se deparam com desafios para alcançar o mesmo sucesso de público que as experiências sul-coreanas e japonesas encontraram no Brasil. De fato, a China é alvo de

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/estado-tem-cerca-de-1-milhao-de-japoneses-e-descendentes/#:~:text=No%20Brasil%20vivem%20mais%20de,mais%20jap%C3%AAs%20depois%20do%20Jap%C3%A3o>.



uma série de preconceitos, estereótipos e teorias da conspiração por ser uma nação de liderança comunista e que têm desempenhado certo protagonismo internacional (Araujo, 2022). Ainda assim, o governo chinês tem investido em projetos que promovam uma expansão midiática global a partir de estratégias como o *Going Global*<sup>3</sup> (Keane; Wu, 2018). No Brasil, esse esforço inclui investimentos nos Institutos Confúcio, parcerias com universidades brasileiras, além de acordos entre a CCTV e redes de televisão e agências de notícias brasileiras, iniciados no final da primeira década do século XXI (Oliveira; Araujo, 2021). Por outro lado, as comunidades diaspóricas chinesas também tiveram seu papel na circulação de periódicos impressos em seu próprio idioma para manter a conexão entre a comunidade e a criação de associações chinesas (Lou, 2017). Destaca-se a presença dos imigrantes oriundos da província de Taiwan, que emigraram após a ascensão do Partido Comunista Chinês ao poder em 1949. Exemplos disso são o Centro Social Chinês do Rio de Janeiro, fundado por chineses-taiwaneses e afastados do governo chinês, a Associação Cultural Chinesa no Rio de Janeiro, que promove uma série de eventos para a comunidade (Lou, 2017). Já a cultura pop chinesa e taiwanesa, por outro lado, ainda permanecem mais restritas a circuitos informais promovidos por fãs. No Brasil, existe um forte imbricamento entre o consumo de cultura pop japonesa, sul-coreana, chinesa e taiwanesa.

Esse panorama inicial pode nos ajudar a compreender melhor a necessidade do diálogo e o mútuo entendimento entre o Brasil e os países do Leste Asiático. Embora sejam narrativas muitas vezes invisibilizadas e tratadas como objetos “exóticos”, o nosso contato com essa região já

remonta mais de dois séculos. O poder de mediação sobre a percepção brasileira sobre o Leste Asiático, no entanto, permanece ancorado em narrativas ocidentocentradas e que não necessariamente refletem a nossa realidade na conexão com essa região. Entendemos que seja essencial nos atentarmos para objetos oriundos de outras partes do mundo, bem como o estabelecimento de diálogo com essas nações para se colocar em prática agendas que busquem superar as antigas amarras coloniais e o imperialismo acadêmico (Alatas, 2000). Dito isso, propusemo-nos a realizar uma pesquisa de caráter quantitativo que buscou responder as questões:

1. Quais são os países leste-asiáticos mais contemplados nas pesquisas em Comunicação no Brasil?
2. Quais as temáticas mais abordadas?
3. Quais são as universidades brasileiras que costumam sediar essas pesquisas?
4. Qual o perfil dos pesquisadores brasileiros que adotam esses objetos de pesquisa?

### 3. Métodos

No intuito de traçar um panorama geral do “estado da arte” das pesquisas brasileiras, em nível de mestrado e doutorado na área da Comunicação, sobre os países do Leste Asiático, nós realizamos uma coleta manual e uma posterior organização em um banco de dados<sup>4</sup>. Em primeiro lugar, nós utilizamos o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Conforme declarado pela própria instituição, esse repositório “tem como objetivo facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país” (CAPES, 2023), constituindo-se, assim, como uma

3 A estratégia do *Going Global* tem como o seu principal objetivo a internacionalização das empresas chinesas, de modo a proporcionar o aumento da exportação de produtos e serviços do país.

4 Dados disponíveis em: <<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1v38bMk4EwB4q2NeA2pZWeraWvMmrZDAy6f8HSOpFuLk/edit?usp=sharing>>

ferramenta útil para a condução de levantamento de dados. As questões de pesquisa propostas são as seguintes:

A busca foi realizada a partir da utilização de palavras-chaves: Japão, Japoneses OR Japonesas OR Japonês OR Japonesa, China, Chinês OR Chineses OR Chinesa OR Chinesas, Coreia do Sul, Coreia do Norte, Coreia do Sul OR sul-coreano OR sul coreano OR sul-coreana OR sul coreana OR sul-coreanos OR sul coreanos OR sul-coreanas OR sul coreanas, Coreia do Norte OR norte-coreano OR norte coreano OR norte-coreana OR norte coreana OR norte-coreanos OR norte-coreanas OR norte coreanas OR norte coreanos, Coreia OR Coreanos OR coreano OR coreana OR coreanas, Taiwan, Taiwan OR Taiwanês OR Taiwanesa OR taiwanesas OR Taiwaneses, Hong Kong, Hong Kong OR Honcongus OR Honconguesa OR Honcongueses OR Honconguesas. Também utilizamos como palavras-chaves neste empreendimento palavras comumente acionadas no Brasil para se referir à fenômenos provenientes desses países: Onda Coreana OR Hallyu OR Korean Wave OR Onda Hallyu OR Hallyu Wave<sup>5</sup>, K-pop OR Kpop OR Kdrama OR K-drama, Cool Japan, Japão Mania, Animê, Mangá e Made in China. É ainda importante assinalar aqui que entendemos “China” não somente como a República Popular da China (RPC), pois também incluímos nesse conceito as províncias de Taiwan e Hong Kong.

## 4. Resultados

### 4.1 Países do Leste Asiático mais contemplados nas pesquisas em Comunicação no decorrer do tempo.

Dentre os países do Leste Asiático, é sobre o Japão que a maioria das pesquisas em nível de mestrado e doutorado na área da Comunicação

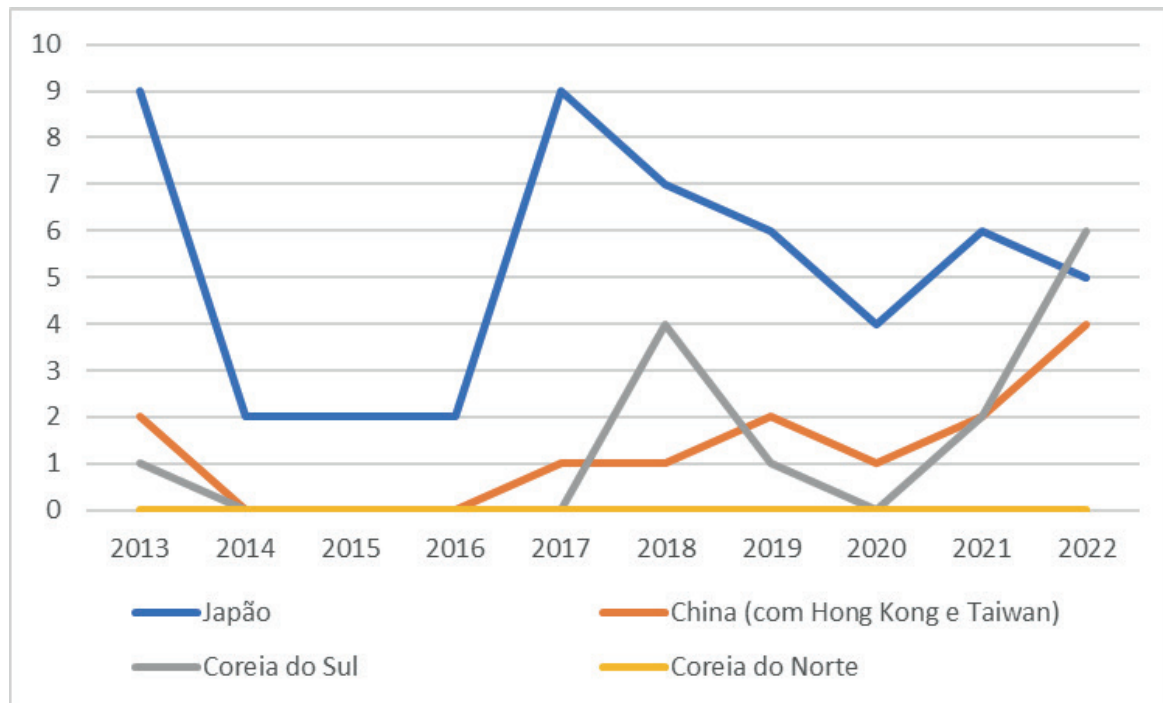
Selecionamos os filtros “mestrado” e “doutorado”, além de fazermos um recorte das teses e dissertações publicadas nos últimos dez anos (2013-2022). Em “grande área do conhecimento”, marcamos a opção de “ciências sociais aplicadas” e, em “área de conhecimento”, selecionamos o campo da Comunicação. As informações foram reunidas em um documento compartilhado no Google Planilhas, armazenado na nuvem para facilitar a sistematização das descobertas e a elaboração de gráficos subsequentes. Mediante a leitura dos títulos, resumos dos trabalhos e palavras-chaves, utilizamos como critério de exclusão duplicatas e trabalhos que não apresentaram evidências de que a pesquisa se relacionava com o Leste Asiático. Identificamos um total de 75 trabalhos.

Para responder o questionamento acerca do perfil desses pesquisadores, utilizamos os dados fornecidos pela Plataforma Lattes, que integra as bases de dados de currículos, grupos de pesquisa e instituições em um único sistema de informações, fornecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Dispusemos essas informações em uma outra página da mesma planilha sinalizada nas notas de rodapé anteriormente. Estamos cientes da limitação de utilizar o Lattes como fonte primária, tendo em vista que a não atualização da plataforma por parte dos autores pode impactar no resultado.

no Brasil parece estar concentradas. Foram 51 trabalhos publicados durante os anos de 2013 e 2022 sobre este país e/ou seus objetos associados. Em uma distância considerável em termos de número de publicação vem a Coreia do Sul, com 14 trabalhos e a China (incluindo Taiwan e Hong Kong), com 13. Sobre a Coreia do Norte não foi encontrado nenhum trabalho que privilegiasse o país (Gráfico 1).

5 Adicionamos essas palavras-chaves em nossa busca, embora seja um termo incorreto, pois alguns trabalhos se referem dessa forma.



**Gráfico 1. Distribuição das publicações sobre cada país por ano**

Fonte: Produção das autoras (2023)

Ainda que de maneira irregular, as pesquisas sobre o Japão parecem apontar para uma tendência de certo declínio em 2022, enquanto as que abordam China e Coreia do Sul encontram-se em estágio de ascensão a partir de 2021. Destacamos, ainda, que durante todo esse espaço de tempo, existiu ao menos duas publicações sobre o Japão por ano no Brasil. Observa-se, por fim, que não parece existir nenhuma lógica de regularidade em específico para as aparições de pesquisas que contemplem o Leste Asiático.

#### 4.2 Temáticas mais abordadas

A tabela a seguir sintetiza os dados referentes aos objetos e temáticas que costumam ser contemplados ao nos referirmos às pesquisas sobre o Leste Asiático no período de 2013 a 2022 (Tabela 1). A separação foi feita a partir dos países tomados como objeto. Teses e dissertações que contemplam mais de um país do Leste Asiático foram contabilizadas duas vezes, uma em cada país, na mesma categoria.

O que se observa é a predominância de investigações sobre o campo do cinema em relação ao Japão e à China e dos estudos de fãs em relação ao Japão e a Coreia do Sul. Destaca-se que em relação às teses e dissertações sobre cinema japonês existe uma certa preferência dos autores em abordagens sobre o cinema de horror e sobre o cinema de animação (ênfase, em especial, às produções do cineasta Hayao Miyazaki). Já os trabalhos sobre práticas de fãs, tanto do Japão quanto da Coreia do Sul, incluem abordagens variadas, como, por exemplo, sobre legendagem e distribuição de conteúdo, movimentos ativistas, movimentações em redes sociais digitais, prática de cosplay e participações em eventos (shows, eventos de animê). O K-pop é um grande agrupador de conteúdo nos trabalhos investigados. Em relação a Cultura pop, as abordagens desse corpus de trabalhos recaem tanto sobre fenômenos, como representa o caso da Coreia do Sul, a partir da Onda Coreana, quanto de produtos midiáticos, como animês, mangás e doramas.





Tabela 1. Categorias de objetos/temas investigados

País	Categoria (N)
Japão	Cinema (19) Fãs e práticas associadas (10) Cultura pop japonesa (17) Sociedade (2) Imigração (2) Idioma (1)
China (Taiwan e HK)	Cinema (6) Imagens sobre a China (4) Imigração (1) Trocas culturais Brasil-China (1) Histórias em quadrinhos (1)
Coreia do Sul	Fãs e práticas associadas (9) Cinema (4) Cultura pop sul-coreana (1)

Fonte: Produção das autoras (2023)

No caso dos trabalhos sobre o cinema chinês, destaca-se que a predominância pela utilização de cineastas oriundos ou baseados na província de Taiwan como objeto. Já na categoria “imagens sobre a China”, observa-se certa preferência por trabalhos que investigam a forma como a China é vista a partir do Ocidente e do Brasil, seja através de um viés comparativo ou ilustrativo. Não somente, duas dissertações encontradas sobre a China foram realizadas por pesquisadoras chinesas residindo no Brasil.

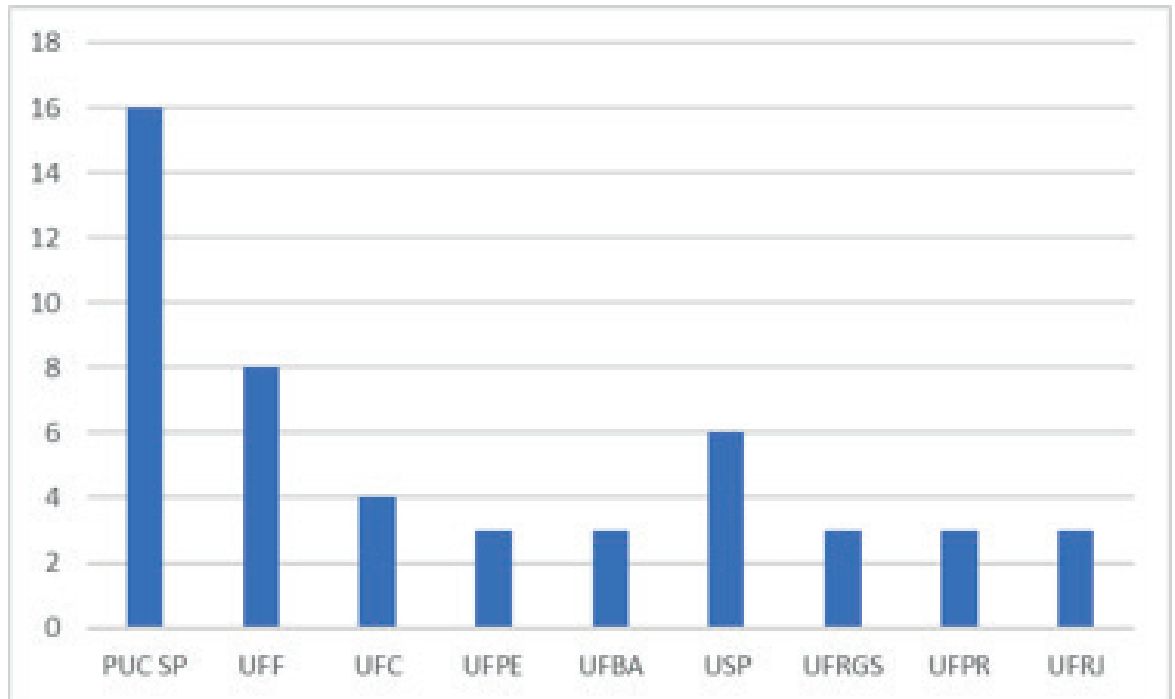
#### 4.3 Universidades brasileiras que costumam contemplar pesquisas sobre o leste-asiático

Quanto às instituições que sediam essas

pesquisas, observamos certa diversidade regional. Universidades do sudeste e, em especial, de São Paulo, possuem maior tradição nessas abordagens, principalmente por conta da PUC-SP, que possui 16 trabalhos sobre o Leste Asiático, e da USP, com 6. Outro estado que merece destaque é o Rio de Janeiro. A UFF possui 8 trabalhos que contemplem essas temáticas. A UFRJ e a UERJ também figuram em nossos dados, com 3 e 2 trabalhos, respectivamente. O Gráfico 2 destaca as principais instituições com mais de 3 produções sobre o Leste da Ásia, e uma tabela completa está disponível no link mencionado na nota de rodapé anterior.



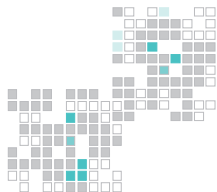
**Gráfico 2. Instituições que mais contemplaram trabalhos sobre o Leste da Ásia**



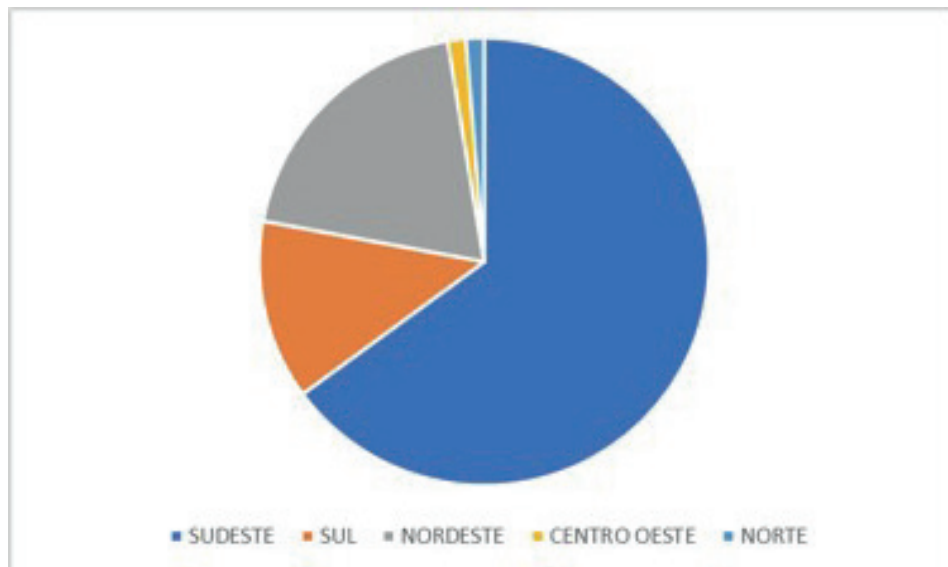
Fonte: Produção das autoras (2023)

Na região sul, identificamos 11 teses ou dissertações sobre o Leste Asiático, destacando-se a contribuição da UFPR com 3 trabalhos e da UTP com 2. Tanto a UFRGS quanto a UNISINOS apresentaram 2 trabalhos cada. No Nordeste, a UFC lidera com 4 teses ou dissertações, seguida

por UFBA, UFPE e UFPB, cada uma com 2 produções. A representação nas demais regiões inclui a UFG no Centro-Oeste, com 1 produção, e a UFPA no Norte, também com 1. O Gráfico 3 ilustra a diversidade regional.



**Gráfico 3. Diversidade regional**



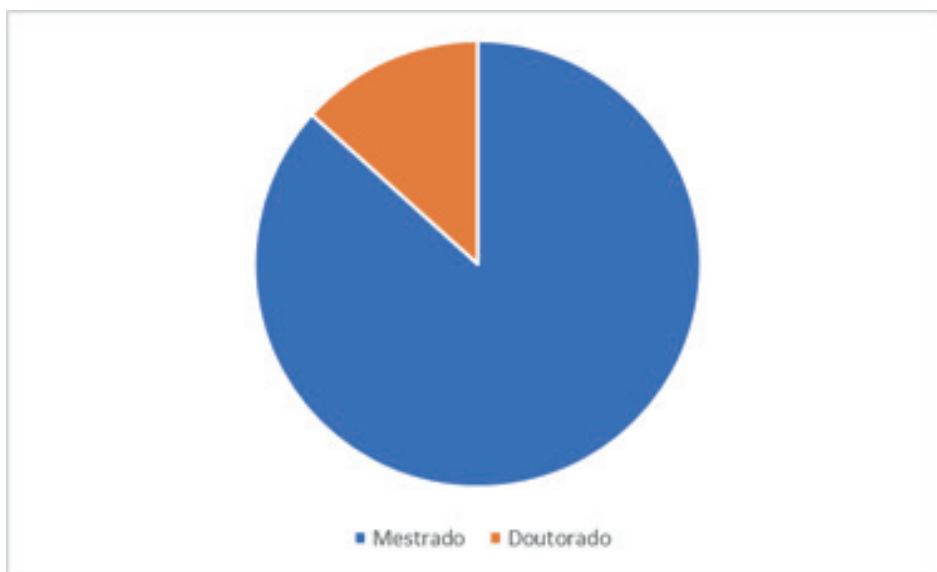
Fonte: Produção das autoras (2023)

#### 4.4 Tipo de pesquisa e perfil dos pesquisadores

Entre as 75 pesquisas realizadas sobre o Leste Asiático durante 2013 e 2022, destaca-se que 65 delas foram dissertações de mestrado, enquanto

somente 10 teses de doutorado foram publicadas (Gráfico 4). Contabilizamos 8 teses sobre Japão, 2 sobre a China e apenas uma a respeito da Coreia do Sul até o momento de realização dessa pesquisa.

Gráfico 4. Proporção entre teses e dissertações

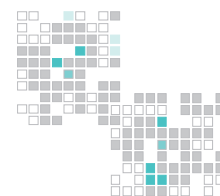


Fonte: Produção das autoras (2023)

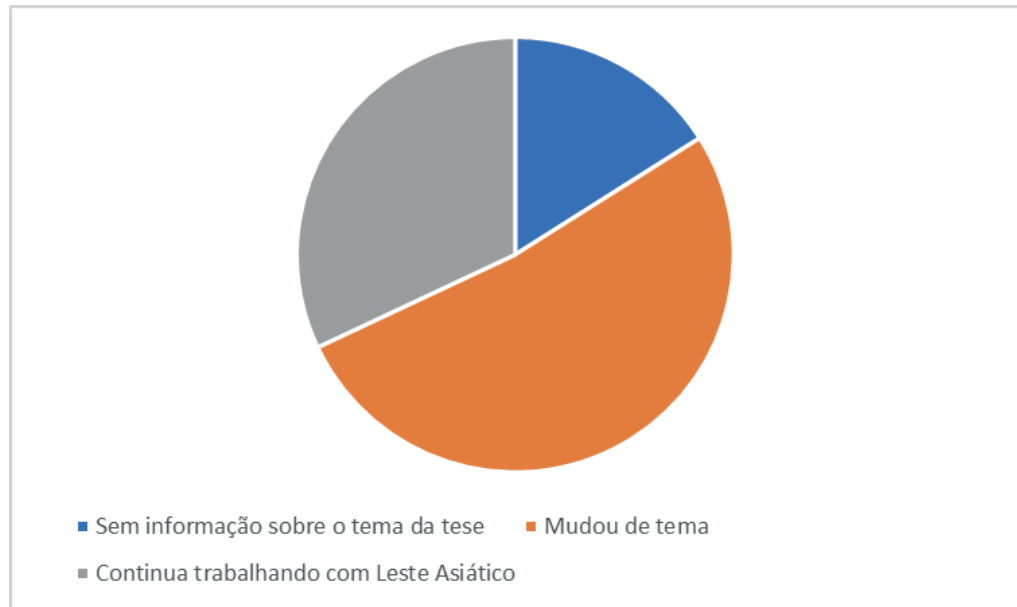
Dos 75 trabalhos analisados, seis pesquisadores destacaram-se por suas dissertações e teses centradas em temáticas do leste-asiático. André Noro dos Santos, concluindo mestrado e doutorado na PUC-SP em 2013 e 2017, respectivamente, explorou objetos japoneses. Beatriz Yumi Aoki, da PUC-SP, defendeu pesquisas em 2018 e 2022, focando no contexto japonês. Krystal Urbano, da UFF, abordou o Japão em seu mestrado em 2013 e ampliou para incluir a Coreia do Sul no doutorado em 2018. Mayara Araujo direcionou o seu mestrado (2018), na UERJ, ao Japão e o doutorado (2022), na UFF, à China. Helen Suzuki, da USP, completou

mestrado (2014) e doutorado (2019) explorando o Japão. Rafael Montassier, na PUC-SP, continuou suas pesquisas sobre o Japão no mestrado (2017) e no doutorado (2022). Indicamos, portanto, que das 10 teses defendidas sobre o Leste Asiático, 6 delas denotam algum tipo de continuidade na abordagem.

Além disso, identificamos mais 8 pesquisadores que estão atualmente prosseguindo com investigações relacionadas ao Leste Asiático (Gráfico 5), conforme revelado pelos dados extraídos dos currículos Lattes. Este dado complementar vai além das teses já publicadas sobre o tema.



**Gráfico 5. Continuidade em pesquisas sobre o Leste da Ásia**



Fonte: Produção das autoras (2023)

No gráfico, excluímos pesquisadores fora do doutorado ( $n = 31$ ) e autores que não conseguimos encontrar informação ( $n = 5$ ), trabalhando com 25 teses em andamento. Observa-se que entre os acadêmicos que dão prosseguimento na carreira, apenas 8 mantêm a temática. Em relação a possíveis ascendências leste-asiáticas, somamos a esses 8 os outros 6 pesquisadores com doutorado concluído. Os resultados indicaram que 4 são descendentes de japoneses (André Noro,

Beatriz Aoki, Helen Suzuki, Célia Tomimatsu). Por fim, na busca por aderência a grupos de pesquisa focados no Leste Asiático, encontramos 5 pesquisadores que participam dos seguintes grupos: Centro de Estudos Orientais na PUC-SP ( $n = 1$ ), MidiÁsia+ no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF ( $n = 3$ ), e Grupo de Estudos Arte Ásia ( $n = 1$ ), cooperação entre USP e UNIFESP. A tabela 2 apresenta os grupos.

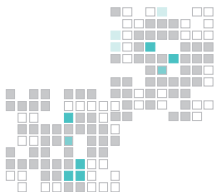


Tabela 2. Grupos de estudos ou pesquisa

Grupo de Pesquisa	Instituição	Descrição <sup>6</sup>
Centro de Estudos Orientais	PUC-SP	O Centro de Estudos Orientais foi criado em 1999 pelos professores Christine Greiner e Haroldo de Campos. Desde então, tem trazido uma nova possibilidade de analisar a cultura oriental no Brasil, sobretudo a japonesa, com foco em suas representações midiáticas do mundo contemporâneo, incluindo o corpo como mídia primária da cultura. Entre os objetos de estudo mais pesquisados estão cinema, televisão e artes do corpo.
MidiÁsia+ (Grupo de Pesquisa em Mídia e Cultura Asiática Contemporânea)	UFF	O MidiÁsia+ é uma iniciativa que objetiva explorar questões relativas ao desenvolvimento da mídia e da cultura midiática em um mundo crescentemente diverso e multipolar. Originalmente focado nos países asiáticos, o projeto busca agora contemplar uma abordagem que valorize a pluralidade de perspectivas e panoramas midiáticos do mundo majoritário.
GEEA (Grupo de Estudos Arte Ásia)	USP e UNIFESP	Temos como objetivo produzir e discutir pesquisas relativas à arte asiática, especialmente a japonesa, indagando sobre os contextos de produção, de recepção e de circulação de tais objetos artísticos, bem como de seus trânsitos socioculturais em diferentes localidades, suportes e linguagens.

<sup>6</sup> As descrições foram extraídas de seus sites.



## 5. Discussão e considerações finais

Nosso objetivo foi traçar um panorama, em nível de mestrado e doutorado, das pesquisas realizadas sobre o Leste Asiático no campo da Comunicação no Brasil. Para isso, o artigo utilizou o Catálogo de Teses e Dissertações fornecido pela CAPES a fim de fazer um levantamento dos trabalhos e os dados fornecidos pelos autores no currículo Lattes para traçar um perfil dos pesquisadores que desenvolvem continuamente pesquisas sobre o assunto.

O contato do Brasil com a China possui em torno de 200 anos. Em termos comerciais, a China se configura como a nossa principal parceira comercial. No entanto, o que os nossos dados indicaram é que a quantidade de teses e dissertações que tenham interesse em explorar questões relativas à China ainda é bastante limitada. O foco principal recai sobre o cinema, com metade das pesquisas concentradas em cineastas taiwaneses ou com base em Taiwan, priorizando perspectivas autorais em detrimento de questões culturais ou midiáticas mais amplas relacionadas ao país. No caso da Coreia do Sul, apesar do contato mais recente em termos de imigração, observa-se um crescente interesse de pesquisadores brasileiros na cultura pop sul-coreana, influenciado pela Onda Coreana. Como consequência, as pesquisas enfatizam objetos como K-pop, K-dramas e práticas de fãs associadas a esse consumo. Em ambos os casos, não há nenhum tipo de “tradição” quanto às investigações sobre China e Coreia do Sul em termos institucionais e nenhum pesquisador analisado participa de grupos de pesquisa que tenham como prioridade a construção de conhecimento sobre esses dois países. Do ponto de vista étnico, não existe correlação entre a

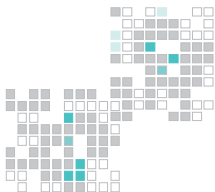
continuidade das pesquisas e a ascendência cultural. Não foram encontradas teses ou dissertações abordando a Coreia do Norte, tornando-a um objeto marginal que ainda carece de investigação.

As pesquisas sobre o Japão apresentam nuances distintas. Ao contrário de casos anteriores, a PUC de São Paulo e a USP estabelecem uma tradição de estudos sobre o Japão, com grupos de pesquisa dedicados à “Ásia” e, mais especificamente, ao Japão. Isso pode ser explicado por conta da forte presença das colônias de japoneses existentes no estado de São Paulo. Em 2008, o estado já contava com mais de um milhão de descendentes<sup>7</sup>. Sendo assim, embora não seja um fator determinante, a imigração japonesa se configura como um ponto de partida para a consolidação do interesse de pesquisadores brasileiros e *nikkeis*. O que os nossos resultados revelam é que o contato com a cultura japonesa, a cultura pop (animês, mangás), suas práticas associadas (*fansubbing*, *cosplay*, convenções de animê) e com o cinema de animação (Studio Ghibli) é onde se concentra a maior parte das pesquisas na Comunicação.

Destacamos ainda que apenas três grupos de estudos e pesquisa figuram os nossos dados. Chama a atenção o fato de que dois deles (GEEA e o Centro de Estudos Orientais), embora se apresentem como representantes da/o “Ásia/Oriente”, até o momento, concluíram apenas trabalhos relativos ao interesse sobre o Japão. O MidiÁsia+, sediado na UFF, por outro lado, têm entregado trabalhos e formado pesquisadores com especialidades diversas dentro dos estudos sobre o Leste Asiático.

Acreditamos que a tendência de se

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/estado-tem-cerca-de-1-milhao-de-japoneses-e-descendentes/>>.



investigar os países do Leste Asiático se encontra em ascensão, tendo em vista as correntes transformações no panorama midiático e cultural global, além dos incentivos dos governos de países leste-asiáticos em promover intercâmbios culturais e acadêmicos, como ilustram os casos dos Instituto Confúcio (Oliveira; Araujo, 2021),

da Fundação Japão e da Academia de Estudos Coreanos (AKS). Trata-se de medidas que visam expandir seus *soft power* (Nye, 2004). Por fim, reconhecemos que dentre as limitações do artigo está a ausência de verificação dos dados bibliométricos dessas teses e dissertações. Essa questão será averiguada em trabalhos futuros.

## Referências

- ALATAS, Syed. An introduction to the idea of alternative discourses. *Southeast Asian Journal of Social Science*, v. 28, n. 1, p. 1-12, 2000.
- AOURAGH, Miriyam; CHAKRAVARTTY, Paula. Infrastructures of empire: Towards a critical geopolitics of media and information studies. *Media, Culture & Society*, v. 38, n. 4, 559–575, 2016.
- ARAUJO, Mayara. *Orientalismo Algorítmico: a China sob os olhos da Netflix*. 2022. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.
- ARAUJO, Mayara. *Outra face do pop japonês: o circuito dos dramas de TV*. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Catálogo de Teses e Dissertações Brasil (2021 a 2024)*. Disponível em: <https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset/2021-a-2024-catalogo-de-teses-e-dissertacoes-brasil>. Acesso em: 14 de novembro de 2023..
- CHERUIYOT, David; FERRER-CONILL, Raul. Pathway outta pigeonhole? De-contextualizing Majority World. *Media, Culture & Society*, v. 43, n. 1, p. 189-197, 2021.
- CUNHA, Guilherme. *As relações Brasil-China: Ciência, tecnologia e inovação noséculo XXI*. 2017. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- CURRAN, James; PARK, Myung-Jin. *De-Westernizing Media Studies*. London & New York: Routledge, 2000.
- CZEPULA, Kamila. *Os indesejáveis “chins”: um debate sobre a imigração chinesa no Brasil Império (1878-1879)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.
- DEZEM, Rogério. *Matizes do ‘Amarelo’. A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Humanitas – USP/ FAPESP, 2005.
- DUTTA, Mohan. Whiteness, internationalization, and erasure: decolonizing futures from the Global South. *Communication and Critical/Cultural Studies*, v. 17, n. 2, p. 228-235, 2020.
- IRELAND, Alleyne. *Commercial Aspect of the Yellow Peril*. *The North American Review*, v. 171, n. 526, 1900.
- JIN, Dal Yong; YOON, Tae-Jin. The Korean wave: Retrospect and prospect. *International journal of communication*, p. 2241+, 2017.
- KEANE, Michael; WU, Huan. Lofty ambitions, new territories and turf battles: China’s platforms “go out.” *Media Industries*, v. 5, p. 51–68, 2018.
- LOU, Shuo. *Mídia, chinesidade e a vida sociocultural dos sinos-cariocas: História e perspectivas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MIGNOLO, Walter. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.
- NYE, Joseph. *Soft Power: The means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.
- OLIVEIRA, Alana; ARAUJO, Mayara. *Desocidentalizando a imagem sobre a China: um olhar sobre o contrafluxo midiático chinês no Brasil*. *Intus-Legere Historia*, v. 15, p. 186-204, 2021.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAKURAI, Célia. *Imigração tutelada: os japoneses no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- SALGADO, Tiago; MATTOS, Maria Ângela. *Indícios de colonialidade nas abordagens comunicacionais brasileiras: o primeiro quadriênio dos anais do Encontro Compós (2000-2003)*. *Revista Intercom*, v. 45, p. 1-16, 2022.



SIMPSON, Christopher. *Science of coercion: Communication research and psychological warfare*. Oxford University Press, 1996.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, n. 53, p. 117- 149, 2002.

SUZINA, Ana Cristina. English as língua franca. Or the sterilisation of scientific work. *Media, Culture and Society*, v. 43, n. 1, p. 171-179, 2020.

URBANO, Krystal. *Beyond Western pop lenses: o circuito das japonesidades e coreanidades pop e seus eventos culturais/musicais no Brasil*. Tese (Doutorado em Comunicação). Instituto de Comunicação e Artes, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

URBANO, Krystal; ARAUJO, Mayara. O fluxo midiático dos animês e seus modelos de distribuição e consumo no Brasil. *Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 21, p. 82-101, 2021.

WAISBORD, Silvio; MELLADO, Claudia. De-westernizing communication studies: A reassessment. *Communication Theory*, v. 24, n. 4, p. 361-372, 2014.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O Universalismo europeu: a retórica do poder*. São Paulo:Editora Boitempo, 2013.

Artigo enviado em 04/03/2024 e aceito em 03/05/2024.

